

CRITÉRIOS DE EDIÇÃO

Como reconhecia Joaquim de Carvalho em 1943, o livro *Contra os juízos dos astrólogos* – tal como todos os outros de Frei António de Beja – é de «extrema raridade». Para justificar a oportunidade dessa publicação, o editor referia, até, o risco de a obra desaparecer, «como parece ter-se dado com outros escritos do autor»¹. Na verdade, só se conhecia, então, um único exemplar que teria pertencido a Fernando Palha e fora comprado para integrar o acervo da secção portuguesa da Harvard College Library, onde ainda hoje se encontra, com a cota *Houghton Library GEN 24232.237**. A este exemplar veio juntar-se entretanto o que pertenceu a Henrique da Gama Barros e se guarda na Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, onde tem a cota *R-14-10*. Falta-lhe a última folha, onde terminava a «Tauoa pera facilmente poder: achar cada hũ os capitulos deste liuro».

Tendo em conta a dificuldade de acesso a esta obra e o seu significado cultural enquanto documento indispensável para o conhecimento do pensamento português nas primeiras décadas do século XVI, decidimos oferecer duas versões do texto:

1. Uma versão semidiplomática reproduzindo o conteúdo do exemplar de Coimbra, na qual reduzimos as intervenções ao mínimo indispensável para tornar a decifração do texto menos fastidiosa para o leitor contemporâneo. Assim, separaram-se as palavras de acordo com o uso moderno;

1 Joaquim de Carvalho, «O livro “Contra os juízos dos astrólogos” de Fr. António de Beja». In Fr. António de Beja, *Contra os Juízos dos Astrólogos*. Coimbra: Biblioteca da Universidade, 1943, p. 18.

desdobraram-se as abreviaturas (incluindo a nasalação representada segundo a ortografia atual, por «m» ou «n», com exceção do artigo definido feminino «hũa» e de todas as ocorrências similares («algũa», «nenhũa», «luũa»); a letra «u» com valor consonântico foi substituída pela letra «v»; a nota tironiana foi representada pela conjunção «e». O texto do índice que constava da folha em falta no exemplar coimbrão foi reproduzido a partir da edição de Joaquim de Carvalho, de 1943, o qual recorreu a fotocópia do exemplar de Harvard.

2. Uma versão interpretativa, na qual se modernizou a ortografia e a pontuação, mantendo embora os arcaísmos lexicais e a sintaxe, que correspondem ao uso da língua portuguesa nas duas primeiras décadas do século XVI. Nesta segunda versão, privilegiou-se a limpidez do texto, de modo a propiciar uma leitura fluida a um público não erudito, pouco familiarizado com os hábitos gráficos dos impressores de Quinhentos, sem deixar de garantir o rigoroso respeito pela integridade da obra de Frei António de Beja.